

**ELIANE DOS SANTOS COELHO
SHIRLEY GARCIA
ZEILE MARY GIAROLA OMODEI**

O DESAFIO DE UMA PRÁTICA INOVADORA EM EAD

Projeto Técnico apresentado para obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização para Formação de Professores em Educação a Distância, Núcleo de Educação a Distância - NEAD, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª. Msc. Cristina Azra Barrennechea

CURITIBA

2001

MENSAGEM

"O crédito pertence àquele que lutou com denodo , que não desistiu nunca; que sente grande entusiasmo e grande empenho; que se devota a uma boa causa; e que, no melhor dos casos, obtém ao fim o triunfo da grande realização; e que no pior, quando fracassa, ao menos fracassa ousando galhardamente.

Assim, o seu lugar nunca será entre aquelas almas tímidas que não conhecem nem vitória nem a derrota."

(Theodore Roosevelt)

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho representa a sistematização de uma experiência intensamente vivida e refletida que possibilitou a produção de um material didático-pedagógico que só pode ser entendido quando ele faz o elo de comunicação entre grupos ou indivíduos, como também a inserção destes grupos nas conquistas sociais.

O trabalho foi desenvolvido no Ensino Médio para a modalidade de Educação a Distância de Jovens e Adultos na região de Curitiba.

É o nível de qualificação de um grupo que vai determinar a capacidade de resolver problemas e ser empreendedor. Isso exige o domínio de mecanismos e alternativas viabilizadoras.

Sendo a sociedade atual democrática, é preciso considerar prioritariamente o compromisso de que o conhecimento aliado à informação possibilita, efetivamente, a aquisição de instrumentos, que oportunizam o acesso da população a uma sociedade globalizada.

É conveniente que todos tenham a oportunidade de discutir e refletir a respeito das questões sociais, políticas e econômicas que fazem parte da contemporaneidade, aliando a estas o compromisso do CEAD Pólo - Poty Lazzarotto, em contemplar as diversidades, no processo constante de um Ensino Aberto, Continuado e a Distância.

O eixo norteador deste projeto, foi propor a construção de uma unidade temática para o Ensino Médio, através da produção de material didático impresso, adequado à EAD.

Com esta temática, nos preocupamos em produzir um material que faça o resgate e a análise das ressignificações no campo histórico. Nesse sentido, contemplamos a construção de um conhecimento histórico, voltado para a valorização das várias fontes, fomentadoras da interdisciplinaridade e do sujeito ativo, pois é na L.D.B. que surge a possibilidade de trabalhar de forma diferenciada a relação aluno-professor.

Existe a preocupação em relação ao preparo desses alunos, devido às constantes exclusões do mercado de trabalho a que estão sujeitos. Este fator conduziu a proposta no sentido de trabalhar com ousadia conteúdos ressignificativos para com a questão social, não só como uma novidade a mais, tão comum nas nossas escolas brasileiras, mas como uma necessidade básica para o reingresso social dos excluídos.

Esta unidade temática impressa em EAD, foi elaborada na disciplina de História, para a recriação dos saberes. Para que o aluno pertencente a classe trabalhadora, possa construir a sua vida e estabelecer relações sociais nos vários grupos com os quais convive.

2. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A história que se pretende resgatar é a histórica ciência, com um método e objeto próprio de estudo.

A existência de um novo método determina um caminho renovado para a produção e a transmissão do conhecimento histórico. Este caminho renovado para a produção de conhecimento histórico num relacionamento crítico com a bibliografia, com a unidade temática e com as fontes de obtenção do conhecimento.

Para promover a mediação pedagógica nos sistemas de educação a distância, é preciso que o tema contribua para desencadear um processo educativo. Por isso a concretização deste propósito coloca como necessária a escolha de um referencial teórico metodológico de análise que possibilite a explicitação satisfatória das características intrínsecas do fenômeno em estudo, a partir de seu contexto de realidade. Em função disso, optamos pela perspectiva histórico-crítica de educação, especificamente nas contribuições de Gramsci e Saviani. A opção deve-se ao fato de que esta perspectiva, ao utilizar categorias dialéticas de análise, permite compreender a prática educativa escolar como uma prática social crítica

Tal perspectiva privilegia a apropriação – produção do saber como condição indispensável a uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade. Entendida assim, a educação no dizer de Saviani, “é uma atividade mediadora no seio da prática social” (1980, p.120)

Pela perspectiva histórico-crítica, educação e sociedade se relacionam de maneira dinâmica. Nestes termos todo desenvolvimento temático recorrerá na medida do possível, aos

mais variados materiais de apoio. Assim tais materiais serão também de confortação e de contraste. Assim tal prática pedagógica, é resultante das contradições históricas, como também condição de possibilidade de concretização de uma pedagogia progressista, na medida em que mediatiza uma prática participativa, onde se oferece ao aluno recursos, para que estes possam formar opiniões e favorecer o contraste delas, incentivando assim o processo de decisão, no interior da escola.

Conforme esta abordagem, os fenômenos educativos se transformam em tarefa coletiva, ou seja, a partir da própria elaboração do material. A mediação fica a cargo de uma equipe em que o autor leva em conta a participação do interlocutor para concretizar o ato educativo. Assim, esse enfoque exige pensar o fenômeno da auto-aprendizagem, porque a sociedade está organizada de tal maneira que o comum é que um educando não procure por si mesmo assumir a tarefa de construir conhecimento ou de confrontar suas experiências, com a sua realidade.

Logo esse processo alternativo, responsabiliza todos os envolvidos e, de modo especial, nas características dos materiais. A tomada de decisão depende sobretudo da criação de uma vontade coletiva, organizada, pois, como sustenta Gramsci, o conceito de necessidade histórica está estritamente ligado ao conceito de regularidade e de racionalidade. Segundo esse autor, “Existe necessidade quando existe uma premissa eficiente e ativa, cujo conhecimento nos homens se tenha tornado operante, ao colocar fins concretos à consciência coletiva (...) Na premissa devem estar contidas e já desenvolvidas as condições materiais necessárias e suficientes para realização do impulso da vontade coletiva” (1981, p.122).

A contextualização do fenômeno permite perceber que num processo alternativo a responsabilidade não recai apenas no estudante, mas sim, diante de um processo no qual participam autores, mediadores pedagógicos, programadores, assessores e estudantes.

Tudo isso não invalida o processo de auto-aprendizagem, mas sim condição para essa possibilidade. A pedagogia progressista e alternativa procura abrir espaços à ressignificação e à recriação de conceitos e temas, a fim de dessacratizar e quebrar a rotina do texto.

É ainda a contextualização histórica que possibilita a visão de totalidade do fenômeno. Essa totalidade permite perceber os elementos estruturais do mesmo e compreendê-lo enquanto processo. A análise desse material permite ressaltar aspectos da dinâmica desse processo, como por exemplo, o tratamento com base no tema, na aprendizagem e na forma, em relação à concretização do mesmo. Isto é, as contribuições teóricas e metodológicas orientam à reflexão e à transformação das práticas, vigentes, mas, por sua vez, buscam oferecer recursos para imaginar alternativas e novas opções, como a mediação pedagógica.

3. DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho representa a sistematização de uma experiência intensamente vivida e refletida, que possibilitou buscar alternativas no ensino a distância, produzindo uma história mais articulada com a realidade dos jovens e adultos do CEAD - Pólo Poty Lazzarotto de Ensino Médio, com vistas a uma prática pedagógica mais comprometida com a história social dos homens e as necessidades práticas das classes trabalhadoras.

Pertencente a classe trabalhadora, ele constrói a sua vida e estabelece relações sociais nos vários grupos com os quais convive.

O trabalho procura demonstrar o possível compromisso do ensino da história com uma prática pedagógica transformadora, faz-se necessário admiti-la enquanto processo determinado e determinante de uma pedagogia progressista, tal pedagogia, em oposição e superação à pedagogia do liberalismo, visa formar um tipo de homem socialmente definido para desempenhar um papel na luta pela transformação histórica, é portanto uma pedagogia que gera necessidades históricas.

O presente material didático-pedagógico, fundamentou-se em uma concepção de ensino que pressupõe a história como produção humana. Portanto a nossa preocupação, ao elaborá-lo, deteve-se em estabelecer relações entre o conhecimento histórico e as experiências sociais dos alunos, visando a possibilitar-lhes, através dessa interação a elaboração de suas próprias sínteses.

Nesse contexto, ao se pensar em resolver o problema proposto, que se define como avaliar o novo material didático.

A proposta deste material é instigar o aluno à reflexão sobre a prática concreta do homem, conhecendo a história como processo em constante transformação. Nesse sentido, interessa-nos, e muito a compreensão do processo histórico nos vários níveis da realidade, uma vez que a realidade é também múltipla e complexa.

Isto implica em investigar a dinâmica própria de cada sociedade, percebendo e levando em conta as diferenças entre elas.

Procuramos, neste material, sugerir problemas mais que oferecer soluções. Para isto deve servir o conhecimento histórico, fazer com que o homem saiba quem ele é no contexto em que vive e, assim sendo, que não olhe do presente para o passado como se fosse algo exterior a ele, que nada lhe diz, mas que perceba que a realidade é fruto de um constante processo de mudança, que pode ser transformado sempre.

O homem é produto do seu trabalho e as mudanças na forma de produção levam, conseqüentemente, a uma alteração no modo de ser do homem e da sociedade.

Foi dentro dessa perspectiva que propusemos este trabalho ao aluno, na certeza de juntos, podermos compreender o processo de transformação da sociedade no decorrer do tempo.

Não estamos, na verdade, criando idéias novas sobre o desenvolvimento da sociedade, por isso os temas abordados foram selecionados, agrupados e sintetizados de forma a adaptá-lo a uma linguagem própria ao trabalho que se desenvolve no Ensino a Distância de Jovens e Adultos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- I. A respeito do objeto de estudo do presente trabalho, acredita-se que o mesmo tenha ficado satisfatório para efeito de vir subsidiar uma prática pedagógica sensibilizada com a premência exigida pela realidade educacional do país;
- II. No que se refere ao referencial teórico-metodológico escolhido, tem-se que o mesmo mostra-se como um instrumento adequado à análise do fenômeno em foco;
- III. Da análise do material, segue-se que há necessidade de se consolidar o processo instituído, através da aplicação destes com os alunos;
- IV. Com base no que acaba de ser referido, sugere-se: a) a capacitação dos profissionais da educação através de uma especialização em EAD; b) reformulação e regulamentação da proposta pedagógica; c) mudanças no relacionamento professor x aluno como o mediador do processo.

Finalizando, acredita-se que o presente estudo, ao caracterizar o ensino de história como condição de possibilidade de uma prática progressista, não escame o assunto, mas nos mostra um caminho renovado para a produção e a transmissão do conhecimento histórico através da inter-relação entre a bibliografia, o material didático e as fontes de obtenção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História.** São Paulo: UNESP, 1992.
- 02 CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994
- 03 MURICY, Katia Benjamim. **Alegorias da Dialética.** Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1998.
- 04 SEVECENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. III.
- 05 SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- 06 _____. **Pedagogia histórico-crítica. Primeiras aproximações.** São Paulo: Cortez, 1991.
- 07 GRANJA, Antonio. **Concepção Dialética da História.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- 08 BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor – O cotidiano da escola.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.
- 09 ARETIO, Lorenzo García. **La Educación a Distancia y La Uned.** Madrid: UNED, 1996.

1. Título

"O desafio de uma prática inovadora em EAD"

2. Equipe de Concepção do Projeto:

2.1. Eliane dos Santos Coelho

2.2. Zeile Mary Giarola Omodei

2.3. Shirley Garcia

3. Justificativa

O presente Projeto justifica-se pela demanda apresentada no CEAD-Pólo, no que se refere a Educação a Distância de Jovens e Adultos na região de Curitiba, numa média de 7.000 alunos matriculados, no Ensino Médio.

Sendo a sociedade atual democrática, é preciso considerar prioritariamente o compromisso de que o conhecimento aliado à informação possibilita, efetivamente, a aquisição de instrumentos, os quais oportunizam o acesso da população a uma sociedade globalizada.

Para ser cidadão hoje, é necessário saber resolver problemas e ser empreendedor. Isso exige o domínio de mecanismos e alternativas viabilizadoras. É conveniente que todos tenham a oportunidade de discutir e refletir a respeito das questões sociais, políticas e econômicas que fazem parte da contemporaneidade, aliado a estas o compromisso do CEAD - Pólo "POTY LAZZAROTTO", em contemplar as diversidades, no processo constante de um Ensino Aberto, Continuado e a Distância.

O eixo norteador deste projeto, portanto, é buscar uma prática pedagógica que, aliada a uma metodologia de ensino, seja mais articulada à produção de material e faça o resgate e a análise das ressignificações no campo histórico. Nesse sentido, o que se pretende é propor a construção de uma unidade temática para o Ensino Médio, através da produção de material didático impresso, que seja adequado à EAD.

A proposta é desenvolver com os professores de História, que atuam no sistema CEAD - Pólo, envolvidos nesse projeto, um caderno que contemple a construção de um conhecimento histórico, voltado para a valorização das várias fontes, formentadoras da interdisciplinaridade e do sujeito ativo, pois é na L.D.B. que surge a possibilidade de trabalhar de forma diferenciada a relação aluno - professor.

Existe, por parte dos docentes, uma preocupação em relação ao preparo desses alunos, devido às constantes exclusões do mercado de trabalho a que estão sujeitos. Este fator conduz a proposta no sentido de trabalhar com ousadia conteúdos ressignificativos para com a questão social, não só como uma novidade a mais, tão comum nas nossas escolas brasileiras, mas como uma necessidade básica para o reingresso social dos excluídos.

Um projeto inovador que dê conta das questões descritas acima, precisa contar com o atendimento constante e atento por parte dos profissionais do CEAD, os quais contribuirão com suas competências, habilidade e empatia para com este trabalho.

A parceria CEAD - UFPR poderá viabilizar esse projeto, uma vez que esta proposta da construção de uma unidade temática, como material impresso em EAD, na disciplina de História, torna ambos os parceiros co-responsáveis, a partir de sua atuação específica, para se dar conta da implantação da Educação a Distância, no processo de produção e recriação dos saberes.

4. Identificação do Objeto

4.1. Objetivo Geral

Desenvolver ações educativas a distância, com material impresso, para alunos matriculados no Ensino Médio do CEAD - Pólo, que contemplem o processo ensino/aprendizagem e o direito público subjetivo de permanência e do ingresso destes no mercado de trabalho. O resgate dos Jovens e Adultos sócio-economicamente excluídos em qualquer faixa etária de sua vida, tem uma função reparadora, símbolo maior da nossa sociedade.

4.2. Objetivos Específicos

4.2.1. Desenvolver, nos alunos de Ensino Médio do CEAD - Pólo, a concepção de ótica dos seus deveres e direitos de cidadãos, como agentes transformadores da realidade social brasileira.

4.2.2. Elaborar abordagens curriculares para Jovens e Adultos que estabeleçam comparações entre eventos ou entre momentos históricos diferentes.

4.2.3. Proporcionar ao aluno uma metodologia própria para que ele utilize as suas habilidades intelectuais, exercite o seu pensamento reflexivo na solução

de problemas e tomadas de decisões, numa abordagem histórica, que privilegie a contextualização reveladora de níveis de conexões entre o "micro" e o "macro".

4.2.4. Conscientizar os alunos de que: tarefa é passar não apenas o que construímos, mas principalmente o caminho traçado na produção historiográfica, dentro da perspectiva da L.D.B. que valoriza uma educação comprometida em desenvolver uma prática inovadora. Essa fornece estímulos para o aluno estar sempre voltado à formação continuada - Educação Permanente.

5. Metodologia

Na prática pedagógica, constata-se sempre que para a apreensão do conhecimento não se pode desvincular essa da vida concreta do aluno.

A elaboração desse trabalho se efetivará através do encaminhamento do método científico dialético de apreensão da realidade, onde a investigação, a crítica, o desdobramento, a comunicação e a sistematização resultarão na produção do novo conhecimento da realidade - as ressignificações das ações humanas.

A motivação do material impresso será então de cumprir a tarefa de facilitador da aprendizagem, procurando fazer com que o aluno seja o sujeito desse processo. Assim, ele poderá externar o seu conhecimento, a sua experiência acumulada no decorrer da sua vida, transcendendo-o para a elaboração mais culta, ocorrendo assim a socialização do saber.

6. Estratégia

Oportunizar aos alunos Jovens e Adultos, do CEAD - Pólo "POTY LAZZAROTTO" a escolaridade do Ensino Médio, através de uma comunicação adequada, que se efetive na realização de uma Educação a Distância.

Momentos presenciais:

- Exposição de esquemas dos cadernos.
- Projetos de trabalhos em pesquisa.
- Aulas de informática.
- Utilização da Biblioteca.

Momentos a distância:

a) O professor deverá orientar o aluno no sentido de:

- Estudar convenientemente o caderno;
- Administrar seu tempo para o estudo do caderno;
- Selecionar suas leituras;
- Resumir e sintetizar os conteúdos.

b) O aluno deverá:

- Estudar o caderno anotando as dificuldades;
- Desenvolver a sua auto avaliação;
- Ter a sua disposição fita de vídeo, ou filme referente ao tema;
- Acesso à Internet, ao telefone e à correspondência postal.

O trabalho será desenvolvido com a área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, pesquisando o cotidiano do homem ordinário, onde ele é capaz de estabelecer uma vivência específica e perceber uma ordem maior.

Ao todo, serão 170 horas de trabalho com o conhecimento histórico, no qual será apresentado um caderno de história com uma linguagem apropriada em EAD a fim de avaliar a eficiência e eficácia do projeto.

Neste período, serão desenvolvidos concomitantemente:

- A unidade temática escolhida, que irá se ater às formas de investigação de historiadores voltados à compreensão das micro-histórias culturais.
- A abordagem escolhida buscará revelar como uma determinada produção historiográfica vem formulando conhecimentos sobre escalas, relacionais, em que, dentro de um determinado contexto e tempo, os sujeitos estão inseridos em múltiplas dimensões sociais.
- Análise e planejamento do trabalho didático-metodológico em Educação a Distância.

7. Avaliação no e do projeto

A avaliação no projeto implica na avaliação da prática pedagógica a partir de todas as relações pedagógicas estabelecidas no seu processo. Estas relações requerem a dialogicidade do papel ativo dos sujeitos na construção/reconstrução de seus saberes de sua cultura e da própria prática pedagógica.

A avaliação do projeto considerará, dentre outros elementos:

- A qualidade do material impresso em relação aos objetivos estabelecidos;
- A definição coletiva de critérios de avaliação;
- A articulação entre todos os envolvidos no projeto;
- A articulação entre as áreas do conhecimento na sua perspectiva interdisciplinar;
- A articulação com a realidade social.

A avaliação, a partir da identificação dos elementos que facilitam ou dificultam o processo, reorientará/aperfeiçoará o desenvolvimento do presente projeto.

8. Cronograma de ação

Etapas	Local	Tempo			
		Ago.	Set.	Out.	Nov.
1. organização coletiva do encontro	CEAD	■			
2. apresentação e discussão do projeto com os professores envolvidos do CEAD-Pólo	CEAD	■			
3. análise da fundamentação teórico-metodológica do projeto; a realidade sócio econômica, as práticas cotidianas e o conteúdo escolhido para a unidade temática, adequada a EAD.	CEAD	■			
4. retomada do processo, através do aluno do CEAD-Pólo, tomando por base o relato e análise dos instrumentos de pesquisa e a sua relação com o material proposto.	CEAD	■			
5. visitas de acompanhamento às turmas do CEAD-Pólo, nos momentos presenciais.	CEAD			■	
6. encontro avaliativo com os professores, com os alunos e com os envolvidos no projeto.	CEAD				■

GUIA DIDÁTICO

1. Apresentação

As mudanças ocorridas no mundo do trabalho, têm trazido o compromisso de que o conhecimento aliado às novas informações tecnológicas possibilitam, de um lado o acesso a aquisição de instrumentos do saber, por parte dos alunos. Estes melhoram as suas chances de inserir-se no mercado de trabalho, que hoje é o da sociedade globalizada.

Para ser cidadão, é necessário ser criativo, empreendedor e resolver problemas. Isso exige o domínio de mecanismos e alternativas que viabilizem e atendam às necessidades dos excluídos da globalização. É importante que todos tenham a qualquer momento e em qualquer idade, a oportunidade de discutir e refletir a respeito das questões sociais, políticas e econômicas que fazem parte da contemporaneidade. Nesse contexto é que buscamos a Educação a Distância, como uma modalidade de ensino, que possibilite dar sustentação a proposta contida na Constituição Federal, onde se lê que a “Educação é para todos”. Nesse caso está contida a Educação de Jovens e Adultos.

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral

desenvolver uma ação educativa a distância, com material impresso, que contemple o processo ensino/aprendizagem com qualidade, na Educação de Jovens e Adultos.

2.2. Objetivos Específicos

- ⇒ desenvolver no educando excluído, a concepção de ética, de deveres e direitos, para que estes possam ser os agentes transformadores da realidade social brasileira.
- ⇒ elaborar abordagens curriculares para jovens e adultos que estabeleçam comparações e as contradições dos momentos históricos diferentes.
- ⇒ proporcionar ao aluno uma metodologia, que incentive o desenvolvimento de suas habilidades intelectuais na solução de problemas e nas tomadas de decisões.
- ⇒ conscientizar o aluno, que a produção historiográfica é dinâmica, e que por isso ele deve estar sempre aprendendo, ou seja estimulá-lo a voltar-se para uma formação continuada.

3. Abordagem filosófica/conceitual

“Qualquer proposta qualitativa na escola encontra na qualidade do professor a relação mais sensível” (Becher, 1993).

Para concretizar uma prática docente, que atenda ao paradigma emergente é preciso uma metodologia que contemple o conhecimento como prática social, a história como um processo dinâmico, que responda às nossas práticas de vida no cotidiano.

Uma história produzida continuamente pelos homens, isto é, a interação entre a história social e cultural dos grupos humanos, contemplada no projeto pedagógico do professor, com ações inovadoras, através da busca da produção do conhecimento.

Implicitamente, a disciplina história, traz a necessidade do desenvolvimento de uma percepção temporal, assim como um enfoque interdisciplinar que ultrapasse a história tradicional, isto é, busca nas demais ciências do homem, a complementação para uma conscientização mais real da prática social.

Para superar a visão do saber fragmentado, o que se pretende é adotar uma história – problema, no lugar da narrativa que sempre caracterizou a disciplina. Partir de uma história, que articule-se com o presente, ressignificando-a, de uma história – reflexão, que inegavelmente levará ao desenvolvimento crítico e finalmente uma história – síntese, que busque a compreensão das estruturas indispensáveis da construção humana.

Nesse contexto, o material pretende dar vida a este homem trabalhado pela história. Fazer o aluno perceber que o homem da antiguidade no seu cotidiano também enfrentava problemas para sobreviver e conviver. No dizer de Brandel, objetivar, enfim, “o rompimento do véu que encobre causas conjunturais e estruturais que dão corpo ao acontecimento...”

A proposta, portanto, é trabalhar com uma concepção múltipla do tempo passado – presente, que dê conta de explicar os processos sociais aparentemente contraditórios.

4. Unidades Didáticas:

unidade I

4.1. A questão da construção do conhecimento na história.

Unidade II

4.2. A Civilização Egípcia.

4.2.1. A agricultura.

4.2.2. Organização e construção política do Império.

4.2.3. Noções de Antigo, Médio e Novo Império.

4.2.4. O poder religioso e político dos faraós.

4.2.5. a organização do povo egípcio.

4.2.6. Simbologia e religião.

Importante: Constituem textos complementares da disciplina – história

Texto 01 – África – Patrimônio da Humanidade.

Texto 02 – Memória dos antigos faraós.

Texto 03 – Egito.

5. Metodologia e Estratégias de Aprendizagem

A disciplina desenvolver-se-á através da combinação de períodos a distância e presenciais.

Éstá previsto utilizar-se 08 horas-aula para os momentos presenciais, 20 horas-aula para os momentos à distância, e 02 hora-aula destinadas às avaliação escritas e individuais ao final do curso.

5.1. Modalidade Presencial

- aulas expositivas dialogadas, através da leitura e análise compreensiva dos textos da disciplina;
- análise do material escrito, com atividades de reflexão;
- questionar os textos de estudo, dialogando com o autor, registrando as dúvidas para posteriores esclarecimentos.

5.2. Modalidade a Distância

- exercícios de auto-avaliação;
- leitura de textos complementares recomendados;
- elaboração de sínteses para apresentação, quando solicitado;
- produção de um texto sobre a civilização egípcia;
- realizar gradativamente todas as atividades propostas através de problematizações que se encontram no corpo do trabalho e os exercícios de auto-avaliação que se encontram no final do caderno.

6. Avaliação

o processo de avaliação será realizado em função dos objetivos propostos, levando em consideração:

- a leitura dos textos indicados;
- os questionamentos produzidos pelos alunos;
- a participação individual e coletiva nas atividades presenciais;
- o desenvolvimento das atividades sugeridas pelo professor;
- prova presencial, individual.

GUIA PARA O ALUNO

Ensino médio - História

Prezado(a) Aluno(a)

Iniciando o nosso Curso de História para o Ensino Médio em Educação a Distância, solicitamos sua especial atenção para as seguintes orientações:

1. Nome do aluno: _____
2. Número de Inscrição: _____
3. Cronograma de Aulas: _____
 Mês: _____
 Turma: _____
 Data: _____
 Horário: _____

4. Atividades:

As atividades propostas deverão ser elaboradas até, o dia 16/11/00 e entregues ao professor tutor ou na secretaria do CEAD-Polo.

Ler e dialogar como o autor
Anotar as dúvidas
Consultar a tutoria
Trabalhos práticos

Texto - A civilização egípcia
Dúvidas -
Tutor - Wagner
Temas - Simbologia
 - Agricultura
 - Organização política

Aprendizagem e avaliação à Distância

Prova Objetiva -
Perguntas de resposta breve
Caso prático

Quando?
2^a à 6^a das 8 às 12 horas
Onde? CEAD-Polo
Com quem? tutor

- Fita "O Egito"
- Uso da Internet
- Livros didáticos

biblioteca -
biblioteca -
biblioteca -

Quando?
2^a à 6^a das 8 às 12 horas
Onde? CEAD-Polo
Com quem?
bibliotecária

5. **Avaliação:**

Além das atividades recomendadas pelos professores os alunos realizarão ao final do caderno uma avaliação presencial, escrita e sem consulta.

Data: 18/11/00

Horário: 10:00 às 12:00 hs

Local: CEAD

Sala nº: 40

6. **Tutoria:**

Para consultas, esclarecimentos de dúvidas ou sugestões, os alunos poderão recorrer a tutoria por:

Correio Rua: Treze de maior, 538 CEP 80.510-030

Telefone: 222-0514

Fax: 323-4672

e-mail: Cespolo@aol.com.br

pessoalmente Rua Treze de Maio, 538 CEP 80.510-030

Ob: Relação de professores - tutores:

DIA	2^o	3^o	4^o	5^o	6^o	sábado
HORÁRIO	08:00 às 12:00	08:00 às 12:00	08:00 às 12:00	08:00 às 12:00	08:00 às 12:00	08:00 às 12:00
Professor-Tutor	Cristina e Wagner	Cristina e Wagner	Cristina e Wagner	Cristina e Wagner	Cristina e Wagner	Cristina e Wagner

7. **Recuperação de notas:**

O aluno terá três oportunidades para recuperar suas notas, mediante a realização de provas e trabalhos, que será orientado no momento oportuno, pela tutoria.

Acreditamos que você vencerá, perseguindo os seus objetivos todos os dias na Educação à Distância, no sentido de construir novos conhecimentos e ressignificar os antigos com criatividade, coragem e entusiasmo.

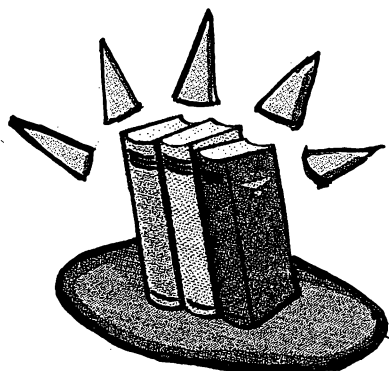
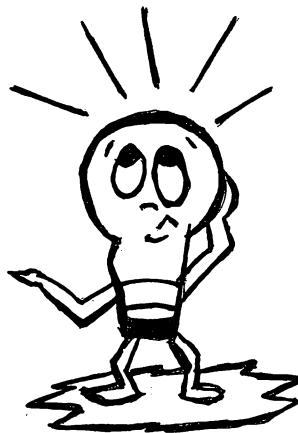
Sucesso, tenha um excelente trabalho

A coordenação

ROTEIRO PARA O ESTUDO DO CADERNO

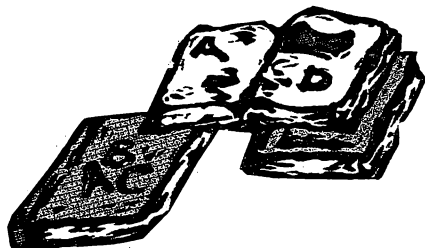
Para que você alcance os seus objetivos, recomendamos ao aluno seguir o seguinte

Método de estudo:



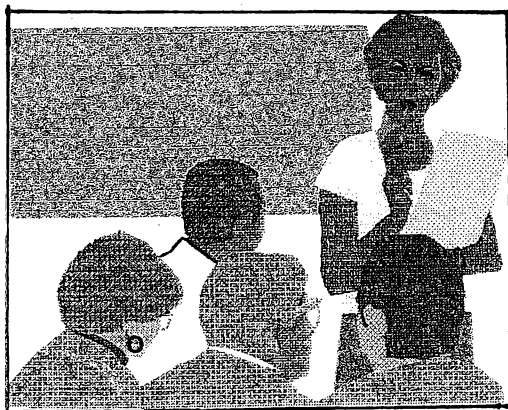
Ler com atenção os textos e interpretar as figuras, os mapas que estiverem inseridos na unidade de estudo, quantas vezes se fizerem necessárias.

Refletir sobre o assunto lido e fazer a análise, respondendo às problematizações sugeridas no caderno. Fazer as anotações no caderno das dúvidas que surgirem com os seus estudos.

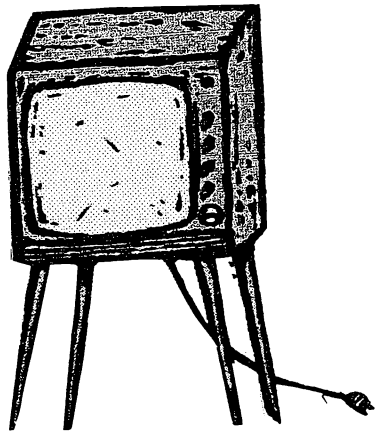


Repita a leitura e tente fazer uma síntese oral do conteúdo estudado, para reforçar os seus conhecimentos sobre o assunto.

Lembre-se que estudar história não é decoreba, por isso, procure assimilar os conhecimentos novos, comparando-os com os seu dia-a-dia, com os fatos que acontecem na sociedade e que estão bem perto de você para serem observados.

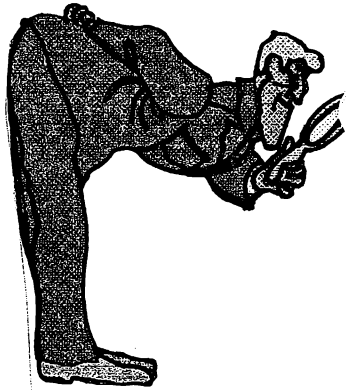


Tente resolver de várias formas e encontrar diferentes explicações para cada problema encontrado no caderno.



Sempre que for possível, procure ler outros livros ou assistir fitas que estiverem disponíveis sobre o mesmo assunto, para aprofundá-lo.

Se tiver a oportunidade de ler uma revista, um jornal ou mesmo assistindo TV., procure associar o fato com o que estiver estudando.



Solucionar as questões da auto-avaliação que se encontram no final do caderno.

Voltar a estudar o caderno, caso tenha dúvidas sobre algumas ou todas as respostas da auto-avaliação.

Caso não consiga sozinho resolver suas dúvidas, procure o professor-tutor para ser orientado.

IMPORTANTE



1. Procure estabelecer um horário fixo para o seu estudo diário de mais ou menos 2 horas.
2. Desenvolva a sua disciplina pessoal, cumprindo um prazo para ser avaliado em dia, hora e lugar determinado.
3. Só faça a sua avaliação após ter esclarecido suas dúvidas.
4. Se não conseguir sozinho compreender a unidade estudada, peça ajuda ao seu professor-tutor.
5. A avaliação é somativa, por isso é composta de várias situações: atividades feitas a distância com a ajuda da tutoria são: os trabalhos monográficos, pesquisa científica, provas objetivas, auto-avaliações que terão valor de 0 a 2,0 e a prova presencial escrita que terá valor de 0 a 8,0.

Seguindo todas estas orientações, é certo que você terá êxito nos seus estudos.

APRESENTAÇÃO

CARO ALUNO



Estas unidades de História, destinam-se a formação de Jovens e Adultos do Ensino Médio, organizados em sub-unidades.

A unidade temática sobre o Egito, enfatiza o conhecimento desenvolvido pelos homens, através da trama de suas relações sociais, contextualizado no tempo e no espaço.

Traz também, textos integrados com questões desafiadoras, documentos de época comprometidas em problematizar o conteúdo. Estes devem levar o Jovem e o Adulto a refletir e a decidir sobre a melhor forma de solucioná-los, observando a mentalidade e os costumes do momento histórico estudado.

Ao final da unidade, haverá uma auto-avaliação, para auxiliar na (re) – leitura dos textos, levando o educando a construir ou reconstruir o seu conhecimento.

Para compreender melhor o processo histórico, a unidade apresenta leituras complementares contendo, abordagens diferenciadas, para que o aluno possa perceber com o homem modifica a sua vida na forma de produção e no modo de ser, articulada numa dimensão maior que são as organizações culturais no decorrer do tempo.

Nesse contexto o objetivo que se pretende ao estudar o Egito, é o de estabelecermos uma releitura com o passado, para resgatarmos os fatos históricos sobre essa sociedade e as suas contribuições para a humanidade. A história não é apenas conhecimento, ela é também prática social, ou seja pensar historicamente, compreender como a história acontece é em última análise compreender a ação social dos homens e tornar-se capaz de apreendê-la e modificá-la.

UNIDADE I

A QUESTÃO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA HISTÓRIA

A construção do conhecimento para a Educação de Jovens e Adultos, leva em conta a compreensão científica e filosófica da realidade em que vivemos.

A finalidade do conhecimento é formar no aluno os elementos da consciência, do caráter e da cidadania.

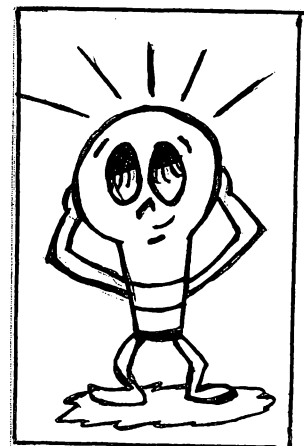
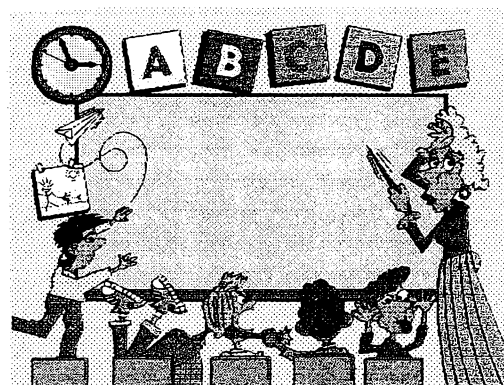
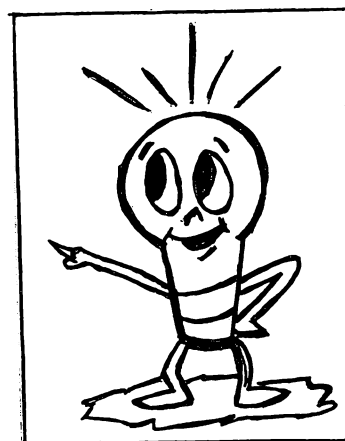
Para que esta formação global ocorra é necessário que compreendamos como funciona essa realidade, necessitando para isso, de se apropriar dos conceitos históricos anteriormente elaborados.

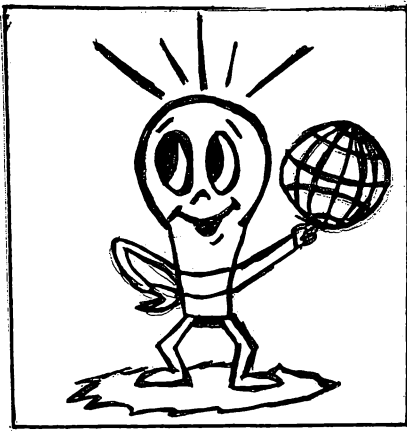
Assim, podemos perceber que existem diferentes grupos de diferentes culturas, que há relações entre grupos iguais, que há vinculação com o concreto.

Nesse sentido, aprendemos a pesquisar com situações e conteúdos reais.

Esses abrangem os conceitos básicos do processo histórico-social. Desta forma, o tema não se esgota, porque o conhecimento não é só memorizado com frases e idéias extremamente repetitivas, nas quais só nos apropriamos da síntese dos outros. Partimos então para a verdadeira aprendizagem que liberta o pensamento através da reflexão e da análise do tema onde se encontram novas possibilidades de respostas.

Essa síntese pode nos auxiliar a entender a realidade e a nos posicionar frente à cultura acumulada anteriormente pela humanidade.





Construir um conhecimento histórico, implica em risco (ter coragem para acertar ou errar), em complexidade (saber enfrentar desafios), em curiosidade (buscar o mistério das coisas) e imaginação (para sonhar e pensar). Esse processo é imprescindível para a formação do pensamento crítico, satisfazendo sua necessidade de compreender o mundo onde vive e sua necessidade de viver num mundo que faça sentido para nós.

É esta compreensão que nos levará a ter condições de usufruir dos benefícios do mundo, (saber exercer o seu direito de cidadão), ou transformar o que for necessário em busca do bem comum (ter consciência que a água é um bem precioso da humanidade e não pode ser poluído).

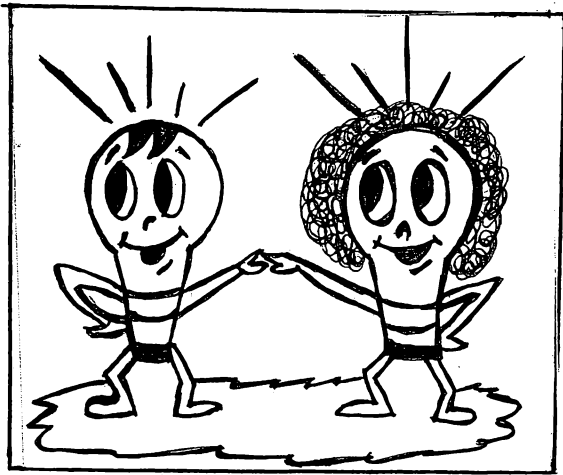
Só assim o conhecimento torna-se significativo, pois o objeto de estudo é indagado, investigado, explorado, analisado e sintetizado. É quando nós nos percebemos como seres históricos, com a possibilidade de sermos capazes de intervir e conhecer a nossa realidade.

É importante então, que o professor se preocupe em ensinar como se aprende e como se pesquisa, o conhecimento existente enquanto saber elaborado e a produção do conhecimento ainda não elaborado.



Essa forma de focar o conhecimento, contribui para a conquista dos nossos direitos de cidadania, para a continuidade dos estudos e para o mercado de trabalho.

Mesmo que o sujeito observe a realidade no dia a dia, este conhecimento não se dá de forma fácil, por isso precisamos da escola, de instrumentos materiais (laboratórios, microscópios, etc.) ou mentais (linguagem, estruturas de pensamento, método, etc.); conhecer torna-se, portanto, um trabalho que exige esforço e disciplina.



Para Piaget, “quem conhece de fato algo, é capaz de dizer de maneira simples ou, pela negativa, se alguém não é capaz de explicar algo de maneira simples é porque, de fato, ainda não entendeu bem”.

O conhecimento para nós se dá através da construção das relações do sujeito (aluno) com o objeto (conteúdo estudado). É o momento da atividade individual do aluno, é o despertar da curiosidade como inquietação indagadora, como esclarecimento. Ele deixa de lado a curiosidade ingênua para adquirir a curiosidade crítica.

Mulheres e homens, seres históricos-sociais, tornamo-nos capazes de comparar, valorar, intervir, escolher, decidir ou romper, porque a escola desenvolve a nossa curiosidade crítica de forma ética.

Esta postura pedagógica, evidencia-nos o sujeito que constrói através da reflexão, com atividades de interação e problematização. Queremos dizer com isso que os conceitos não estão prontos e podem ser construídos ou reconstruídos, tornando-nos homens independentes.



Outro fator importante, considerado o “motor” do conhecimento é a contradição. Esta para ser resolvida e superada abre-nos um campo de interação e de novas relações com o objeto estudado.

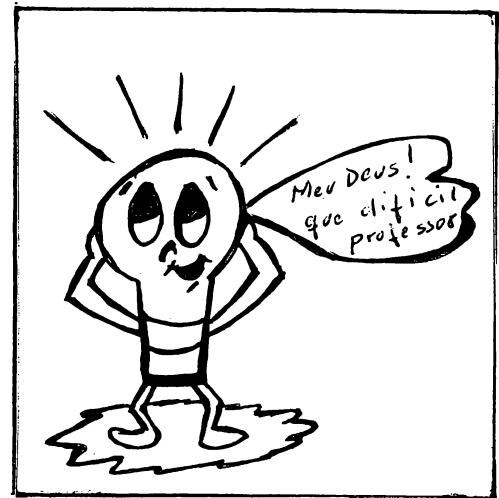
Ao estabelecer a contradição, entre o que o sujeito pensa e a outra possível realidade (do professor, do livro, do colega) no processo de investigação, o aluno vai perceber se a sua explicação é adequada ou não ao conteúdo estudado.

Quando não conseguimos sozinhos, explicar a contradição, precisamos da ajuda do professor, que vai mediar a ação pedagógica. Essa ação vai tirar-nos da inércia e provocar para que avancemos na construção deste conhecimento.

Aproveitando a experiência de vida que o aluno traz introduz-se, pela problematização nas atividades, novos elementos para análise. Assim o conhecimento anterior vai ajudá-lo na construção do conhecimento novo que é a formação da consciência.

Ao termos pela primeira vez o conteúdo, o conhecimento não se dá de forma imediata, só como uma leitura. É preciso interpretar, analisar, sintetizar, para que isso ocorra, é necessário ainda que sejamos provocados, instigados pela dúvida, porque a certeza pode ser também o resultado do erro que foi trabalhado e consequentemente acertado.

Esperamos do aluno, que ele tenha a capacidade de saber resolver suas contradições e buscar informações para superar este momento denominado autonomia intelectual. Nesse momento, o aluno, passa de uma experiência inicial confusa, sincrética, para o aprofundamento do tema em estudo pela pesquisa, pela exposição dialogada, pela experimentação, pela análise e posteriormente para uma visão elaborada e organizada que é a síntese.

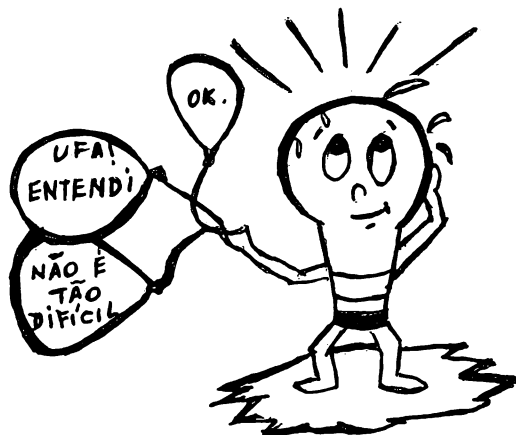


O conhecimento ocorre como resultado de uma ação sobre o mundo (relações com o objeto); sendo assim esta forma de aprender depende do aluno, isto é, o professor pode mediar o conhecimento para ele mas não pode conhecer por ele.

Se não estabelecemos relações com o objeto estudado, ele não fará parte do processo do conhecimento, será sempre a síntese de algo que lhe disseram, mas que não apreendemos ou não assimilamos porque o processo da operação mental não foi nosso.

Uma das tarefas básicas da escola portanto, é nos fazer pensar, levar-nos a reflexão crítica, a reelaborarmos os conhecimentos e a (re) – significá - (los). Entendemos, então o contexto, como surgiu e que tipo de problema veio resolver.

A análise histórica torna-se importante, porque identifica as etapas de elaboração mental, porque a humanidade passou para a construção deste conhecimento. Considerando que, estas mesmas etapas serão percorridas pelas novas gerações no processo de apropriação deste conhecimento.



UNIDADE II

A CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA

Problematização – 01

O texto abaixo refere-se ao Nilo pela sua fertilidade como uma condição para a estruturação da sociedade egípcia. Reflita e responda, sobre importância do Nilo para a organização do povo egípcio.

Na antiguidade as aldeias e vilas do período neolítico da pré-história, transformam-se em cidades e resultam no nascimento de grandes Estados, como ocorreu no Egito.

Nessa sociedade predominava o modo de produção asiático, onde a organização social é baseada no regime de servidão coletiva e o Estado é absoluto, personificado¹ na figura do faraó.

A Agricultura

O rio Nilo fica situado no nordeste da África, numa região predominantemente desértica.

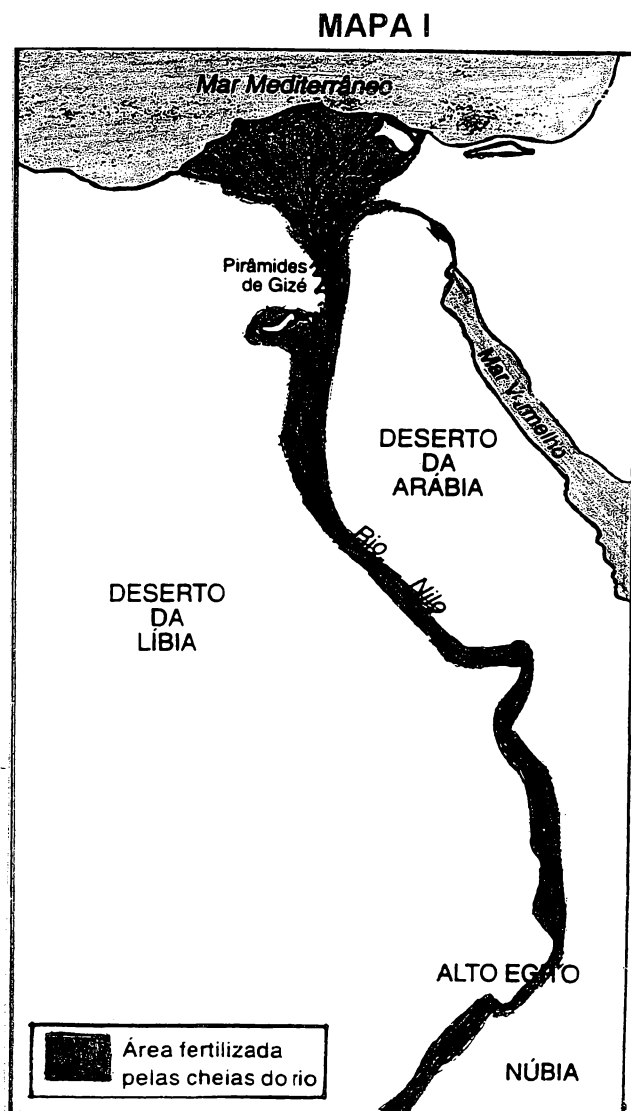
A civilização egípcia desenvolveu-se no fértil vale do Nilo.

As enchentes periódicas fertilizavam as terras ao longo do vale e também causavam inundações de seus vilarejos na época das cheias.

Todos os anos, chuvas torrenciais fazem o Nilo transbordar, o que levou os seus habitantes a represar e distribuir as águas.

¹

¹ Representar na figura de uma pessoa, modelo de.



Mapa do Egito

Os egípcios, desenvolveram em regiões semi-áridas, grandes obras hidráulicas para o cultivo agrícola. Assim, a organização político-social acabou estruturando-se em torno da terra e do controle do Estado sobre diques, para impedir as inundações e canais de irrigação nas terras secas, a formarem reservatórios de água para enfrentar o período da seca.

O rio Nilo como vimos teve influência marcante sobre o desenvolvimento da civilização egípcia.

Para que você possa compreender melhor essa questão, vejamos o que nos diz a letra do Hino egípcio.

Texto 1

Hino egípcio ao rio Nilo

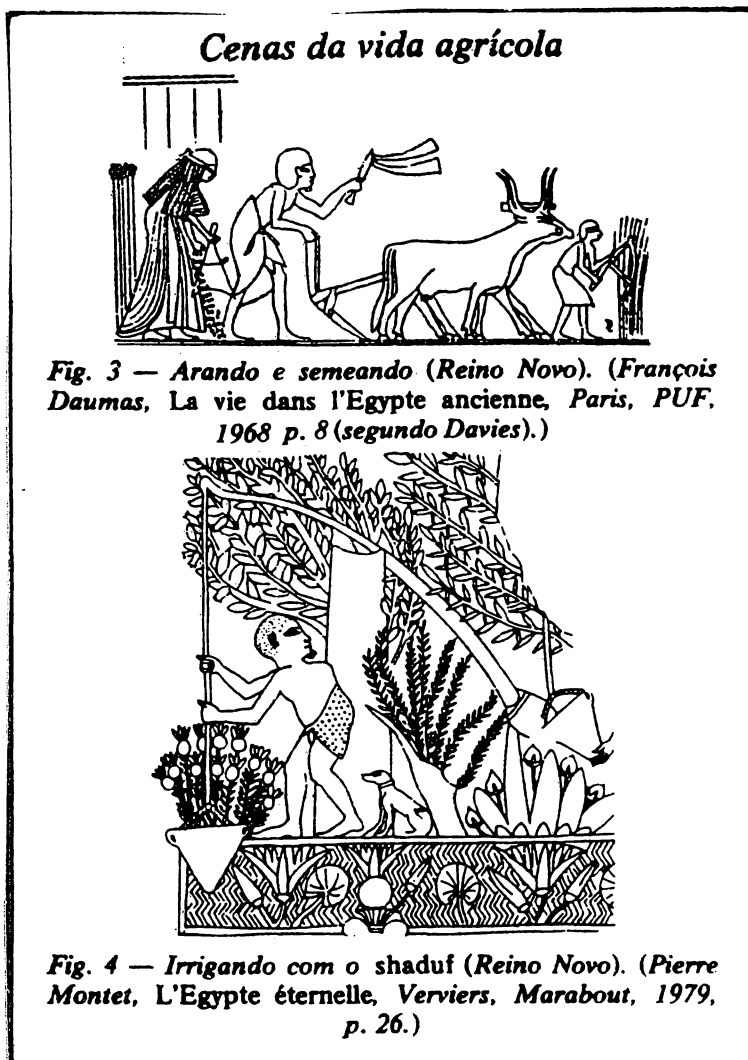
Salve, ó Nilo que saíste da terra,
 que vieste para que o Egito possa viver!
 Oculto por natureza, escuro de dia, louvado por seus seguidores:
 é ele que rega os campos, criado por Rá para que todo o gado possa viver;
 que mata a sede do deserto, mesmo longe de água [...].
 Se ele é preguiçoso [...], todo mundo fica pobre [...], e milhões de homens perecem.
 Se ele é cruel, a terra toda estremece, grandes e pequenos gritam.
 Recompensados são os homens quando ele se aproxima: Khnum o criou,
 Quando ele começa a levantar, o país festeja, todos se alegram [...].
 Portador de sustento, rico de alimentos, criador de todas as coisas boas,
 senhor da reverência, doce em seu cheiro, bondoso em sua vinda;
 é graças a ele que nasce o pasto para o gado e que há vítimas para cada divindade [...].

De *Letteratura e poesia dell'antico Egitto*, editado por E. Bresciani. Turim, 1969

Problematização – 02

A prática do cultivo tece relações de sociabilidade, revelando as condições perversas de vida. analise e descubra estas situações a partir da leitura da figura 1 e do texto 2

Figura 1



A vida dos egípcios girava em torno do ciclo de cheias e vazantes do Nilo, ou seja, a sua sobrevivência dependia do rio, semear e colher cereais, pescar, transportar, tudo dependia do nível das águas do rio. Esse povo incapaz de explicar as suas benéficas enchentes, atribuíam ao nilo a imagem de um deus e lhes dirigiam preces e cânticos solenes.

Texto 2

“Deixai-me também expor-te a situação do camponês, essa outra rude ocupação. [Chega]. A inundação e o molha (...) ele cuida de seu equipamento. De dia ele talha seus instrumentos agrícolas; de noite ele fabrica corda. Mesmo a sua hora da sesta ele gasta no trabalho agrícola. Ele se equipa para ir ao campo como se fosse um guerreiro. O campo ressecado está diante dele; ele vai buscar a sua junta de bois. Depois de ter procurado o pastor por muitos dias, ele obtém a junta e volta com ela. Ele se dirige a um lugar determinado do campo. Ao chegar a aurora, ele quer começar e não encontra naquele lugar a junta. Passa três dias procurando-a; acha-a no pântano. Não acha peles nos animais; os chacais os devoraram. Ele vai, com sua roupa na mão, implorar para si uma junta de bois. Quando ele chega ao seu campo, encontra-o fendido (pelo calor). Leva tempo cultivando, e a serpente o persegue. Ele esgota a semente atirando-a ao chão. Não vê sequer uma folha verde. Ele ara e semeia três vezes com grão emprestado. Sua mulher procurou os comerciante e nada achou par trocar. Agora o escriba desembarca na margem. Ele mede a colheita. Auxiliares estão atrás dele com varas, e núbios com porretes. Um deles lhe diz: ‘- Entrega o cereal!’ - ‘Não há.’ [então o camponês] é surrado sem piedade. Ele é amarrado, jogado no poço, com a cabeça debaixo d’água. Sua mulher é atada em sua presença. Seus filhos estão em guilhões. Seus vizinhos os abandonaram e fogem. Ao terminar tudo, não há cereal.”

Documento do papiro de Lansinf (Museu Britânico nº 9994), correspondente à XXª Dinastia do Reino Novo. In *Ciro Flamarión S. Cardoso*. Trabalho Compulsório na Antigüidade. Rio de Janeiro: Graal, 1984, pp. 86-87.

a concentrar todos os poderes em suas mãos e apropriar-se de todas as terras, à população restava pagar tributos e servi-lo. O monarca também o chefe religioso, chamado de faraó, que significa senhor da grande casa. Ele é deus na terra. Daí chamamos de monarquia teocrática¹ o regime político do Egito antigo.

Noções de Antigo, Médio e Novo Império

A partir de Menés foi criada a unidade política, dividida segundo as várias dinastias², em três períodos conhecidos como Antigo, Médio, e Novo Império.

O Antigo Império teve por capital Mênfis no delta, a maioria da população trabalha na agricultura ou na construção de pirâmides, templos funerários, destinados ao faraó e sua família.

Nesse período foram construídas as pirâmides do deserto de Gizé mais famosas.

As pirâmides eram os túmulos dos faraós da quarta dinastia egípcia. Quéops, Quéfren e Miquerinos. A maior, a de Quéops, tem 146 metros de altura e ocupa uma superfície de 54.300 metros quadrados. A sua construção levou quase 20 anos, sendo recrutada toda a população egípcia, em sistema de rodízio.

Figura 2

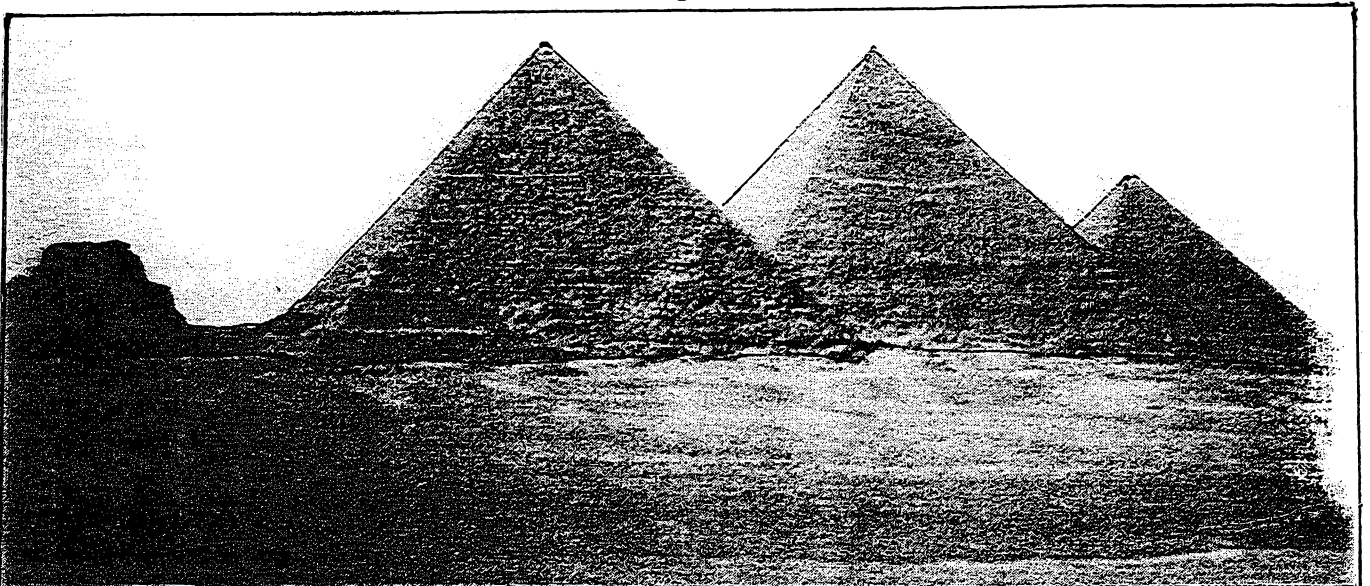


Fig. 3.2. Pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, no deserto de Gizé (século XXVII-XXVI a.C.).

¹ Forma de governo em que a autoridade, emanada dos deuses ou de Deus, é exercida por seus representantes na terra.

² Série de soberanos pertencentes a uma mesma família: D. Pedro II pertencia à dinastia dos Braganças.

Depois de longa estabilidade política e social, há o rompimento causado pelo fortalecimento dos monarcas que disputam o poder. As lutas dos monarcas gerou inúmeras revoltas sociais que resultou em profundas crises decorrentes da desorganização da produção.

O Médio Império retoma a unidade política, transformando Tebas em capital, foi um período de grande prosperidade administrativa. Nesta época é forte o desenvolvimento das artes e da literatura egípcia, transformando-se em fonte de interesse para as gerações posteriores.

Esse império dissolveu-se por que foi invadido pelos hicsos, povo nômade de origem asiática, que possuíam armas feitas de ferro e carros de combate puxados a cavalo, equipamentos até então desconhecidos no Vale do Nilo.

Mais uma vez príncipes de Tebas no Novo Império restauram a unidade, territorial e política sob a liderança de Amosis I. Os hicsos foram expulsos, e os egípcios sob o governo dos faraós Tutmés III e Ramsés II expandiram os seus domínios, assegurando ao país o poderio e o esplendor da sua cultura. Os faraós reiniciaram as grandes construções, dentre elas as mais conservadas são os templos de Carnac e Luxor, ambos dedicados ao deus Amon.

Todavia novas agitações internas aconteceram e povos invasores provocaram o declínio da civilização egípcia, que foram conquistados pelos Assírios.

Após breve renascimento, através dos príncipes da cidade de Saís, que expulsaram os assírios, o Egito recupera alguns territórios. As invasões tornaram-se cada vez mais freqüentes e bem sucedidas pelos persas, posteriormente pelos gregos e pelos romanos.

O poder religioso e político dos faraós

Problematização – 03

Observando as figuras 3 e 4 e fazendo uma leitura detalhada do texto 3, responda de que forma o faraó reafirma o seu poder perante seu povo.

Considerado como um verdadeiro deus, filho de Amon-Rá e encarnação viva de Hórus. Os egípcios imaginavam que toda a felicidade do país dependia do

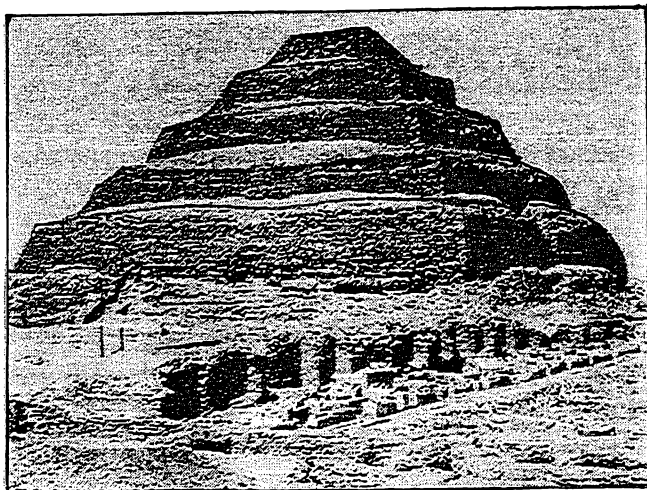
faraó; e que para atrair essa felicidade eram necessárias as cerimônias religiosas, nas quais o povo se prostrava diante dele.

O faraó tinha um poder ilimitado sobre tudo e sobre todos: comandava o exército, distribuía a justiça e se encarregava da organização das atividades econômicas. Essa extrema variedade de poderes do faraó exigia a presença, no palácio, de um verdadeiro exército de altos servidores.

Esses servidores escolhidos por ele, zelavam pela unidade e pela defesa do império, mantendo a ordem e a paz.

A intensa religiosidade, que desenvolve no Egito, favoreceu de forma marcante o poder do faraó, passando a ser considerado um deus vivo e sendo adorado como tal. Nesse sentido, na sociedade egípcia acima de todos estava o faraó e sua ampla família.

Figura 3



***Pirâmide de Djoser, em Sacará
(séc. XXVIII a.C.)***

Figura 4



***Templo de Amon, em Luxor
(séc. XIV-XII a.C.)***

Texto 3

“As pedreiras como esta garantem a perenidade da nossa civilização. Um rei deve visitá-las freqüentemente, assegurar-se de que os canteiros e os talhadores de pedra continuam a trabalhar de acordo com as regras, a fim de que as casas das divindades sejam embelezadas e permaneçam à face da Terra. É em contato com os homens da profissão que se forma o sentido de governar. A pedra e a madeira não mentem. O Faraó é construído pelo Egito, o Egito constrói o faraó que, por sua vez, constrói e continua a construir, pois construir o templo e o povo é o maior ato de amor” p. 81 (Fala de Settri, pai de Ramsés).

JACQ, Christia. Ramsés. O Filho da Luz. R.J.; Bertrand Brasil, 2000.

A organização do povo egípcio

Problematização – 04

Releia o texto 2, que fala do camponês, e junto com o texto 4, analise as funções do escriba, as repercussões de seus escritos para a formação da memória do Egito.

N Antigo Egito, a organização das atividades produtivas cabia ao Estado, restava ao camponês pagar impostos sob a forma de produtos ou trabalho, era portanto uma servidão coletiva. Sendo assim o excedente produzido ficava com o Estado e utilizando-se de mão-de-obra gratuita construíam depósitos para armazenagem.

Quando chegava a época das cheias do Nilo e a atividade agrícola era suspensa os camponeses eram requisitados para trabalhar nas grandes obras de construção.

Os artesãos, trabalhavam também nas obras de construção, mas produziam tecidos, vidros e construíam navios.

A partir dessa base econômica, temos compondo a sociedade egípcia uma ampla massa camponesa e um grupo pequeno de escravos, formados por estrangeiros aprisionados nas guerras. Depois, logo acima a aristocracia composta por sacerdotes e funcionários do Estado e os nobres. Entre os

funcionários do Estado destacam-se os escribas, funcionários responsáveis pela contabilidade e supervisão da organização administrativa.

A atividade intelectual era uma atividade de poucos, daí o prestígio dos escribas, por exercer uma profissão tão honrada e proveitosa.

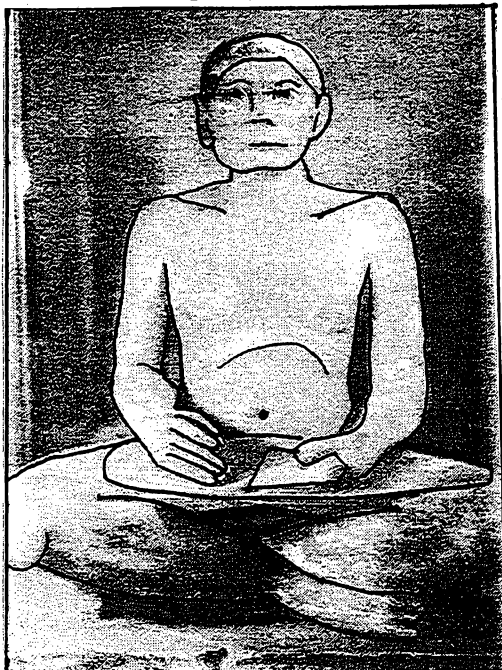
Na sociedade egípcia, os escribas eram letrados, isto é, tinham instrução razoável, o que lhes permitia traçar rapidamente a escrita.

Graça a cultura, ocupavam os cargos mais elevados do palácio, cuja função era fiscalizar as plantações, os rebanhos, orientar nas construções, registrar as rendas públicas e coletar os impostos para o faraó. Os escribas eram considerados os olhos e os ouvidos do faraó.

Os professores egípcios, enquanto ensinavam a escrita, procuravam convencer seus alunos da importância social do escriba, fazendo-os copiarem frases como: “escutai, nunca falta comida ao escriba”...

De fato, sustentados pelo Estado, os escribas nunca foram atingidos pelas várias crises de fome que assolaram o país. Em compensação, faziam um número muito grande de vítimas entre a população trabalhadora.

Figura 5



Escriba sentado

Museu do Louvre, Paris

Texto 4

“Seja escriba – recitou Ramsés com uma voz neutra -, porque um livro é mais duradouro do que uma estela¹ ou uma pirâmide; preservará o teu nome melhor do que qualquer outra construção. Como herdeiros, os escribas têm os seus livros de sabedoria; os sacerdotes que celebram os seus rituais funerários são os seus escritos. O seu filho é a prancheta sobre a qual escrevem, e a pedra coberta de hieróglifos² a sua esposa. Os edifícios mais resistentes desmoronam e desaparecem, mas a obra dos escribas atravessa gerações”. p. 119
 JACQ, Christian. *Ramsés. O Filho da luz*. R.J. Bertrand Brasil, 2000.

¹ Espécie de coluna destinada a ter uma inscrição

² Denominação dada dos caracteres da escrita egípcia, encontrados nas inscrições sagradas

Simbologia e Religião

Problematização – 05

1. Ao ler o texto 5 e a lenda do Osiris, defina os ciclos da vida, que se evidenciam na simbologia egípcia.
2. Interprete, segundo os textos 6 e 7, os significados que estas construções representaram, para a sociedade egípcia.
3. Leia os textos 8 e 9 e questione os valores que a religião egípcia exige para a salvação eterna.

O poder absoluto dos faraós era conseguido graças a repressão e às características da cultura egípcia, na qual a religião destaca-se como a preservação da ordem existente. Todos, desde o humilde camponês até o faraó acreditavam na existência de uma vida após a morte. Por isso os faraós empenhavam-se na construção de túmulos em forma de pirâmides.

Os egípcios eram politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses, alguns em forma de animais e outros, uma mistura de homem e animal.

As diversas divindades tiveram suas origens nas aldeias e nos nomos com seus cultos locais, depois remodelados e agrupados tornou-se uma religião nacional.

No Antigo Império adorou-se Rá, deus-sol, e seus descendentes Osíris, deus da fertilidade, com a esposa Ísis e seu filho Hórus. Os faraós intitulavam-se filhos de Rá.

Texto 5

OSÍRIS: Deus egípcio, primeiramente deus agrário, simbolizando a força inesgotável da vegetação; depois, identificado com o sol, na sua fase noturna, ele simboliza a continuidade dos nascimentos e dos renascimentos. Osíris é a atividade vital universal, que esta seja terrestre ou celeste. Sob a forma visível de um Deus, ele desce ao mundo dos mortos para lhes tornar possível a regeneração e, por fim, a ressurreição na glória de Osíris, porque todo o morto justificado é um germe de vida nas profundezas do cosmo, exatamente como um grão de trigo no seio da terra.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT. *Dicionário de Símbolos*. R.J.: José Olympio, 1999.

Segundo a lenda, Osíris era um grande rei, que ao lado de sua esposa Ísis, trazia fartura e alegria para o seu povo. Um dia Set (o vento quente do deserto), irmão de Osíris (o sol poente, o Nilo, deus da vegetação e dos mortos), afogou-o, retalhou-o e lançou os seus pedaços ao rio Nilo.

Mas Ísis (a mágica deusa da vegetação e das sementes) juntou os pedaços e, valendo-se de seus poderes mágicos, ressuscitou-o.

Para vingar o pai, Hórus (o deus falcão, o sol levante), filho de Osíris, enfrentou e venceu o tio, passando a ocupar o trono do Egito.

Essa explicação da morte e renascimento de Osíris está em de acordo com a ciclotimia¹ da vida egípcia, inteiramente dependente da natureza. Todos os anos, os egípcios viam as sementes morrer para depois ressuscitar. Assim a própria natureza lhes ensinou a noção de imortalidade, e a história de Osíris simbolizava o que pensavam de sua própria vida.

Durante o Médio e o Novo Império, adorou-se Amon, protetor da cidade de Tebas, que passou a chamar-se Amon-Rá.

Da mesma forma que acontecia as cheias sucedidas das vazantes do rio Nilo, os egípcios acreditavam que acontecia com a vida sucedida da morte.

Para eles a vida poderia durar para sempre, desde que a alma encontrasse no túmulo o corpo destinado a servir-lhe de morada.

Para isso, é indispensável a conservação do corpo, através da técnica da mumificação de cadáveres, favoreceram com isso o desenvolvimento da medicina e o surgimento de especialistas em várias áreas.

Depois de mumificado o corpo era envolvido em faixas de pano, e colocado dentro de um sarcófago, que procurava reproduzir as feições do morto, para que a alma pudesse encontrá-lo.

¹ Estado de ânimo ora alegre, ora triste, o estado de ânimo dos egípcios dependia da natureza, ou seja, a germinação das sementes está ligada as cheias e as vazantes do Nilo.

Os túmulos onde eram guardados os sarcófagos variavam de simples covas até imensas pirâmides.

Nesse sentido, a arquitetura e a engenharia foram muito estimuladas pelo poder central, tanto pelo faraó, como pelos sacerdotes.

Os faraós, tinham lugar reservado nas pirâmides, construções monumentais, cujo interior havia uma câmara secreta, onde ficavam os sarcófagos dos faraós; essa câmara era mantida em segredo para despistar os profanadores de túmulos. Alguns faraós, chegaram a construir túmulos subterrâneos escavados nas barrancas

Texto 6

***Pirâmide:** A pirâmide tem dupla significação de integração e de convergência, tanto do plano individual como no plano coletivo: a imagem mais sóbria e perfeita da síntese, ela é comparável, nesse aspecto, a uma árvore invertida, servindo de ponta a base do tronco. As coletividades dissociadas¹ tornando-se cidades integradas em um Estado organizado, cidades convergentes², tal a significação das pirâmides erigidas em que os grupos tendem a se coordenar para construir a síntese social exprimiu-se, em primeiro lugar, pela projeção concreta do símbolo dessa síntese, pela construção da pirâmide, imagem de convergência ascendente.*

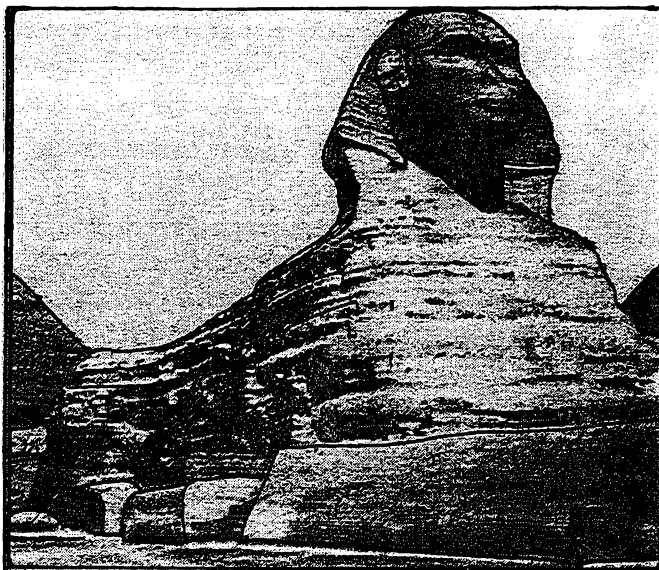
Convergência ascendente, consciência de síntese, a pirâmide é também o lugar de dois mundos: um mundo mágico, ligado aos ritos funerários de retenção indefinida de vida supratemporal³, e um mundo racional, que evocam a geometria e os modos de construção.

1

¹ Dissolver, desagregar, desunir.

² Tender ou dirigir-se para o mesmo ponto

³ Além do seu tempo de vida na terra

Texto 7

**Esfinge do Faraó
Quéfren (séc. XXVII a.C)**

Esfinge: Egito: São prodigiosas construções de pedra em forma de leão deitado, com a cabeça humana e o olhar enigmático saindo da juba. A mais famosa encontra-se no prolongamento da pirâmide de Quéfren, próximo ao Templo do Vale, nas cercanias das mastabas e das pirâmides de Gizé, que deitam as suas sombras sobre a imensidão do deserto. Essas esfinges sempre guardam estas necrópoles gigantescas, o seu rosto pintado de vermelho contempla o único ponto do horizonte onde nasce o sol. Acredita-se que as feições humanas sejam um retrato de Quéfren, que era o rei do Egito quando a estátua foi esculpida. É a guardiã das entradas proibidas e das múmias reais; escuta o canto dos planetas, vela sobre tudo. Na realidade, esses leões divinos teriam a cabeças de faraós e representariam uma força soberana, impiedosa para com os rebeldes.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT. Dicionário de Símbolos. R.J.: José Olympio, 1999.

Nesses túmulos eram colocados os objetos necessários à vida depois da morte, tais como alimentos, roupas e utensílios de uso diário. E soldados procuravam garantir a presença dos servidores do faraó, também na outra vida.

Agora, bastava que a alma votasse, mas isto só acontecia se o julgamento no tribunal de Osíris fosse favorável. Acompanhado do livro dos mortos, testemunhavam a sua bondade e honestidade para conseguir a salvação eterna.

Texto 8

O tribunal de Osiris

“Segundo a crença, as almas eram encaminhadas ao tribunal de Osiris, onde ocorria um julgamento no qual eram apresentadas as ações do morto para verificar se ele merecia castigo ou salvação na eternidade. Em uma balança, segundo acreditavam, eram colocados, num prato, o coração do defunto e, em outro, uma *ena*. Esta última deveria manter o equilíbrio da balança para garantir a salvação da alma. Quarenta e dois deuses serviam de juizes e ouviam a defesa do falecido antes de Osiris pronunciar seu julgamento final.”

Olavo Leonel Ferreira. Egito, Terra dos Faraós. São Paulo, Moderna: 1993.

Texto 9

Para um egípcio garantir a vida eterna, era essencial ter levado uma vida honesta, além do cumprimento dos ritos. Durante o Novo Reino, em cada sepultura era colocado o Livro dos Mortos, que ensinava as fórmulas que o falecido devia recitar antes do julgamento. Entre elas, constava inclusive uma declaração de honestidade:

“Eu não cometi injustiças contra os homens. Eu não tolerei ver o mal. Eu não blasfemei contra Deus. Eu não tirei nada dos pobres. Eu não envenenei ninguém, não fiz ninguém chorar, não matei ninguém. Eu não causei pena a ninguém [...], não falsifiquei o peso. Eu não tirei o leite da boca dos recém-nascidos [...]”.

Atlas de História Geral
Ática – Multimídia - 1997